

“As pompas do Mundo” e o “Globo da Morte”

AIRES DA MATA
MACHADO FILHO

Em *As Pompas do Mundo*, (Rocco, Rio, 1975), Otto Lara Resende manifesta a sua predileção pelos ambientes de antanho, pela atmosfera tradicional, característica da existência interiorana, particularmente em Minas, desde o primeiro conto, *Bem de Família*. O aroma obsoleto da toalha, ciosamente guardada, comunica embalador poder evocativo a quantos situam lembranças e saudades pessoais, em casos e lugares semelhantes.

A ênfase, excessiva talvez, corre da iterativa acumulação de elementos sugestivos, tais os numerosos perfumes daqueles guardados.

Outro ponto saliente está no apego às pompas do mundo. Avulta no orgulhoso amor à toalha bordada, perpassa em outros contos, culmina dominador, na novela que termina o livro, em forma de avareza. A excluente predominância do tipo, relegando à sombra as outras personagens, pode explicar-se pelo intuito de imprimir realce a uma abstração.

A semelhança do que sucede a essa personagem compraz-se o autor em acumular variado pecúlio verbal. Diferentemente dele, alcança distribuí-lo, de maneira equitativa. As palavras de outrora, os tesouros da frascologia, principalmente esses últimos, guardam força evocadora para fruição de alguns leitores; constituem riquezas recuperadas.

Sem embargo, não se abdica da concisão, peculiar ao contista. Várias vezes se exemplifica, na frisante naturalidade do desfecho, como nesse empolgante *O Elo de Família*.

Mais um aspecto que imprime unidade à variedade: o tratamento da religiosidade popular. Poucos o fazem tão bem como Otto Lara Resende. Nem lhe falta mão leve para os assuntos puramente religiosos como em *A Guarda do Anjo*.

Em remate — e a resenha bibliográfica bem que o exige — esse *As pompas do Mundo*, sobre demonstrar, mais que outros livros seus, os poderes verbais de autor merecidamente consagrado, oferece à crítica valiosas sugestões de estudos estilísticos, a que é fôrçoso resistir agora.

O rapaz alcança conter-se, ante a capítosa provocação da

garota que o procura. Tem muita força aquele retrato da mãe. Veja-se o conto *Sede em Globo da Morte*, de Hugo de Almeida Souza (Edição Alternativa, Belo Horizonte, 1975).

Identicamente, o autor, nos seus vinte e três anos, deixa de entregar-se às demasiais verbais que a idade justificaria. E' que se impôs, desde já, conseguir o efeito máximo de autenticidade, com o mínimo de recursos estilísticos, acrescentados às palavras ligadas ao acontecimento que fluí. “O estilo é o desestilo”. O seu jeito de escrever lembra a conhecida frase de Azorin. Conviria aqui e ali, alguma intervenção, para evitar a vulgaridade. Talvez. Mas, antes assim.

Também, os contos reproduzem a vidinha do estudante, os episódios e exigências de aulas, pouco mais. Autobiográfico. Fielmente recordados do natural, pela precoce mestria do estreante, entusiasman a gente.

Assim como não sucumbe à tentação do adjetivo para arredondar a frase, deixa mesmo como estão as suas narrativas. “As histórias não têm fim. Os personagens é que acabam. As histórias continuam, com a entrada de personagens novos. Vida meu amigo”. Isso de Juracy Camargo, figura em exergo, deliberadamente. Os contos, modelares pela concisão, cumprem o programa assim indicado.

Uma palavra sobre os diálogos: brotam espontaneamente, sem deixarem de ser bem travados. Prenunciam — quem sabe? — o teatologo, nesse contista nato. Muitos caninhos se abrem às possibilidades e às esperanças de escritor que assim começa.

O gosto de evitar a elaboração transparente sugere o conto intitulado *Caos*. É quase só o acontecimento, com sua trama própria. Original. O perigo dessa apresentação não elaborada pode estar no abuso.

Difícilmente ocorrerá à vigilante lucidez do autor. A ressaltar as peças melhores, prefiro comunicar a impressão geral de uma estréia mais que promissora: vitoriosa. Fico de olho nesse Hugo de Almeida Souza, consagrado pela Menção Honrosa no Prêmio Fernando Chinaglia e pelos rasgados louvores de Octávio de Faria.

Endereço para remessa de livros:
Rua Prof. Magalhães Drumond, 147
— 30.000 — Belo Horizonte — MG.